



paz no plural

## XII SALÃO DE ENSINO

12 a 16 de setembro  
Campus do Vale - UFRGS



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: XII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Cinema Brasileiro na sala de aula: problemas e apontamentos para um ensino historiográfico
<b>Autor</b>	VANESSA KALINDRA LABRE DE OLIVEIRA
<b>Orientador</b>	MIRIAM DE SOUZA ROSSINI

**RESUMO:** O estágio acadêmico dos alunos de pós-graduação é um espaço de revisitação: é preciso reavaliar nossos conhecimentos de modo a transferir às novas gerações conteúdos atualizados e reformulados, capazes de dar suporte às demandas sociais vigentes, enaltecendo discursos apagados ou marginalizados pela história. Foi pensando nessas questões que a disciplina eletiva Cinema Brasileiro, sob supervisão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam de Souza Rossini, em parceria comigo e com o também estagiário Juliano Rodrigues Pimentel, foi ofertada no semestre 2016.1 aos cursos da área de comunicação social da UFRGS, isto é, jornalismo, relações públicas e publicidade e propaganda. Depois de oito anos, os alunos puderam ter novamente acesso aos conteúdos dessa disciplina, voltando-se essencialmente para a historiografia do cinema nacional, considerando suas questões estéticas, políticas e sociais, fazendo relações contextuais e econômicas por meio de uma linguagem que se comporta ao mesmo tempo como arte, indústria e meio de comunicação de massa. Como aluna de doutorado da referida instituição, atuei como estagiária desta disciplina contribuindo na formação da ementa, na seleção bibliográfica e temáticas a serem discutidas, além de ministrar 1/3 das aulas. Durante os encontros, de dois créditos, foi possível observar algumas problemáticas que precisam ser evidenciadas e refletidas na academia. A primeira delas é o fato de que os alunos parecem ter muito pouco contato com a história do Brasil, o que se reflete de maneira fortíssima na falta de capacidade de articulação das questões cinematográficas com as perspectivas políticas, econômicas e sociais do período em que estas encontram-se inseridas. Até mesmo alunos em vias de se formarem demonstraram ter tais dificuldades, o que nos aponta toda uma geração que desconhece sua própria história, desarticulando o contexto atual das representações e lutas políticas do passado. Talvez isso seja resultado de uma forma de educação tradicional muito pautada no isolamento dos fatos, ou seja, na periodização dos acontecimentos históricos de diversas ordens, que acabam por gerar uma desconexão dos saberes. Assim, aponta-se para a necessidade de uma prática de ensino-aprendizagem capaz de articular conteúdos específicos com outros campos do conhecimento, gerando produção de sentido interdisciplinar. A segunda evidência apontada pela experiência é a de que os alunos tendem a chegar em sala de aula com conceitos pré-estabelecidos sobre certos movimentos artísticos, atribuindo a eles juízos de valores que não correspondem a um conhecimento aprofundado sobre o tema. Parte das informações que eles possuem são muitas vezes oriundas da opinião pública, isto é, de não-pesquisadores do campo, e que geralmente são os responsáveis por formulações generalizadas e incorretas sobre a sétima arte no país. Incorre aí a difícil tarefa de desestigmatizar conteúdos, como o caráter popular das chanchadas brasileiras, como a compreensão de que o apoio Estatal ao cinema é um direito humano e não uma política partidária e ideológica, ou que a indústria instituída após a Retomada do cinema nacional, onde a relação entre cinema e TV se fortalece, não configura uma deturpação do caráter autoral do cinema, mas uma instância de retroalimentação necessária para o crescimento e autonomia de toda cinematografia. Por último, parece relevante que os alunos tenham escolhido para debater em sala de aula, durante os seminários, narrativas que enaltecem instâncias de micropolítica: discussão sobre a participação das mulheres no cinema nacional, o cinema no contexto da ditadura militar e a representação LGBTTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) nos filmes brasileiros – parte desse interesse foi, inclusive, estimulado por nós, os ministrantes, na medida em que apontávamos áreas que comportavam lacunas nos estudos de cinema. Essas questões despertaram o interesse dos alunos e, de maneira geral, são proposições que mobilizam toda a sociedade, o que confere à turma uma relação de apropriação das demandas da contemporaneidade. Logo, a importância de se debater experiências como essa, e apontar questões e problemáticas vivenciadas em sala de aula, é fundamental para atentarmos à prática de um tipo de ensino historiográfico que dê espaço ao esquecido, que dê voz ao conteúdo marginalizado, seja pela crítica especializada seja pela própria academia com o passar dos anos. Entender o que os alunos anseiam e, ao mesmo tempo, identificar o que eles precisam para sanar deficiências é primordial para a construção de uma sociedade mais justa e informada. Por isso mesmo o debate sobre a ementa deve ser feito no primeiro dia de aula. O primeiro contato com a turma deve ser sempre de um diálogo aberto, para que se ajustem as proposições dos professores e as expectativas dos alunos. Dessa forma, desenvolve-se, de fato, uma troca rica de conhecimentos e experiências; o objetivo efetivo de toda prática educacional.

**PALAVRAS-CHAVES:** Estágio acadêmico; Cinema Brasileiro; Historiografia.